

## A PAREDE INTERIOR

Saudações em nome do Senhor. Bênçãos para todos vocês, meus queridos amigos, abençoada seja esta hora.

Todo ser humano tem o desejo de lutar pela perfeição, pela capacidade de amar, pela verdadeira bondade, pela luz e pela verdade. Esse desejo vive na chama divina de todo ser. Mas esse desejo, em estado puro, nem sempre penetra em todas as camadas da imperfeição. É como se o sol brilhasse através de um vidro sujo e os raios saíssem pelo outro lado como sombras indistintas. É isso que acontece com o desejo de desenvolvimento.

No entanto, meus queridos amigos, muito à parte desse desejo do eu superior, o mesmo desejo de perfeição também vem do eu inferior. Isso acontece com todos os que entenderam que o egoísmo e as metas unicamente pessoais não acarretam muitos resultados desejáveis. Se vocês fossem satisfazer apenas as metas do eu inferior, como ele é em sua essência, vocês não despertariam simpatia, e sem dúvida não seriam amados nem admirados. Portanto, o desejo da bondade também é egoísta. É importante entender isso e admitir, no íntimo, que o desejo da bondade como tal não tem origem necessária e exclusivamente no eu superior. Esse é um problema que confunde muitos seres humanos. O único modo de ter clareza a esse respeito é tomar consciência das emoções, dos desejos e motivações; então vocês podem distinguir a motivação pura da motivação egoísta. Essa confusão às vezes é tão grande que muitas pessoas ficam em dúvida se devem procurar concretizar o desejo de bondade, principalmente depois de perceberem que motivações egoístas estão envolvidas. Certamente, vocês devem continuar a ter por meta o certo e o bom em vocês e em seus atos, mas sabendo muito bem até que ponto esse desejo é matizado pelo egoísmo. Muitas vezes esse conflito ainda não é consciente. Vocês sabem que, por um lado, querem o bom, o verdadeiro, o belo; mas existe também uma voz interior que fala com muita clareza e que vocês conhecem muito bem: “Será realmente bondade, pura bondade, puro altruísmo agir de uma determinada maneira?” Assim, vocês ficam confusos e incertos quanto à natureza boa de suas motivações.

Apenas os muito cegos, os seres humanos que espiritualmente ainda são bebês, buscam objetivos egoístas e acreditam que tais objetivos egoístas servirão a suas finalidades. Quem já superou essa infância espiritual sabe muito bem que atingir os próprios fins muitas vezes traz mais desvantagens do que resistir a esses impulsos egoístas. A essa altura, a entidade já superou o estágio mais primitivo, mas ainda não alcançou a etapa em que o desejo do egoísmo é emocionalmente superado. Essa é a etapa em que a maioria de vocês se encontra, e é exatamente essa luta que estão travando agora. O primeiro passo é sempre reconhecer o significado dos seus diversos desejos, motivações e sentimentos. Daí por diante, o caminho é mais suave. Reconheçam quando seu desejo de bondade vem da sua centelha divina e quando não vem. Tendo clareza sobre esse ponto, vocês terão dado mais um

passo no autoconhecimento; além disso, esse conhecimento, mesmo não sendo de forma alguma lisonjeiro ou agradável, aumenta a paz de espírito – pelo menos a partir do momento em que vocês aceitam plenamente a ideia de que o egoísmo ocupa um lugar maior dentro de vocês do que estavam dispostos a admitir anteriormente. Quando vocês admitirem esse fato e descerem do pedestal onde querem ser mais perfeitos do que são agora, vocês começarão a encarar a si mesmos na verdadeira acepção da palavra. Isso é saudável, e a saúde – emocional ou não – terá um efeito muito bom sobre vocês. É a verdade, e a verdade é sempre saudável e calmante para quem tomou a decisão de não mais lutar contra ela.

À medida que o ser humano se desenvolve espiritualmente e amadurece emocionalmente, o autoconhecimento aumenta em níveis cada vez mais profundos. No nível mais superficial de desenvolvimento, a pessoa “faz o bem” externamente, mas nutre sentimentos egoístas e maus, de maneira bem consciente e com conhecimento. Ao ser confrontada com tal situação, pode reagir de duas formas. Neste caminho, a pessoa procura realmente compreender e humildemente aceitar a si mesma como é naquele momento, e também aceitar sua incapacidade de mudar por enquanto. Tem a coragem de admitir que a perfeição ainda está muito longe, apesar dos atos de bondade que pratica com o principal objetivo de mostrar-se ajustada e de suscitar admiração. A outra forma é racionalizar, justificar e unilateralmente “explicar” esse conhecimento consciente dos desejos maus e rudes, buscando a justificativa nos defeitos dos outros. A isso se dá o nome de hipocrisia. Muitas pessoas se enquadram nessa categoria. Mas elas são tão grosseiras e elementares que nem precisamos nos preocupar com essa categoria. É autoexplicatório e não precisa ser discutido. A questão se torna infinitamente mais difícil quando essa mesma hipocrisia é sutil e mais entranhada. Os bons desejos são sobrepostos aos desejos egoístas, que são reprimidos e mantidos no inconsciente, em parte devido aos sinceros esforços do eu superior, em parte devido a finalidades egoístas. É nesse momento que começam os conflitos humanos que deixam a alma doente e fraca. E com isso nos preocupamos, pois não existe ser humano ao qual não se aplique o que dissemos aqui, de uma forma ou de outra.

Quanto mais vocês reprimem as motivações egoístas, maiores passam a ser a confusão e a desordem internas. Quero dizer que existe um equívoco básico a esse respeito. Vocês percebem que a primeira categoria mencionada anteriormente, a forma mais primitiva de hipocrisia, é desagradável; assim, vocês reprimem suas verdadeiras emoções por causa da conclusão errada de que não existe alternativa. Ou vocês não tomam conhecimento da existência dos desejos errados ou, segundo acreditam, precisariam ser como aqueles cujas atitudes não admiram. Vocês simplesmente ignoram a ideia de que existe uma terceira alternativa, que é a única sadia, e que leva à perfeição pela qual vocês lutam – ou seja, encarar e admitir o errado, sem ceder aos desejos errados nem reprimir sua existência. O início desse procedimento correto é sempre o mais difícil – classificar as emoções, descobrir seu significado, encarar tudo que vocês procuraram não ver.

Quanto mais a honestidade consigo mesmo é assimilada, tanto mais profundamente ela penetra no âmago da alma. Mas até atingir o âmago, vocês precisam fazer muita coisa. Sempre que o consciente está separado das emoções, opiniões, pensamentos, conclusões, desejos inconscientes, etc., podemos ver uma parede na alma humana – uma parede divisória, que separa o consciente do inconsciente. Todos vocês sabem que os pensamentos e sentimentos humanos criam formas de matéria sutil que é uma substância real, tanto quanto a substância material de vocês. Portanto, essa parede é uma realidade e, infelizmente, muitas vezes uma realidade maior que a matéria de vocês. Pois a matéria de vocês é muito mais fácil de destruir do que algumas dessas paredes. À frente da parede,

está o que vocês encaram e conhecem. Atrás da parede vocês mantêm tudo que é desagradável de encarar – não apenas os seus defeitos e fraquezas, mas também coisas que confundem e amedrontam vocês. Devido a uma conclusão errada inconsciente, vocês continuam a temer essas coisas e deixam de encará-las. E tudo isso fica guardado atrás da parede.

Pois bem, qual é a substância espiritual dessa parede, meus amigos? Pois a substância espiritual não é um material que vocês usam porque optaram por fazê-lo, como quando constroem uma forma no mundo material. Nesse último caso, vocês fazem a opção de acordo com o gosto e a necessidade, porém o material nada tem a ver com vocês. A substância espiritual, por outro lado, é o resultado do que vocês pensam, sentem e são. É o que se forma com isso. Vocês não podem usar algo de que não dispõem. E vocês só dispõem daquilo que são. Ora, a substância dessas paredes é em parte a boa vontade de vocês, que é ineficaz devido às conclusões erradas e à ignorância. Não se esqueçam: a finalidade da parede é manter o negativo oculto, e uma das motivações desse desejo é na verdade a boa vontade mal usada. Mas em parte a parede também é feita de covardia, orgulho, vontade do eu – e impaciência. Impaciência porque, devido à ignorância, vocês pensam e desejam obter perfeição muito mais depressa pelo simples expediente de edificar essa parede e trancar por trás dela aquilo que requer muito mais tempo e esforço para eliminar de fato. Vocês são impacientes demais, e também preguiçosos demais para efetivamente se desfazerem do que está por trás da parede. Assim, todas essas tendências constituem o material de que é feita a parede em sua alma.

À medida que vocês avançam no caminho do autoconhecimento e da perfeição, começam vagarosamente a tirar algumas tendências e atitudes de trás da parede. Elas passam a ficar na frente da parede, na consciência. O processo para fazer isso, vocês conhecem. É o trabalho que eu defendo e ensino. Com esse processo, quanto mais sai de trás da parede, tanto mais a parede recua, e menos tendências ficam bloqueadas. É um bom trabalho, é assim que deve ser, prosseguir sempre para tirar mais e mais de trás da parede. Mas, meus amigos, um dia essa parede tem que desmoronar, se vocês quiserem ser íntegros e verdadeiramente saudáveis no maior grau possível. Enquanto vocês trazem dentro de si uma parte qualquer da parede interior, por mais que consigam fazê-la recuar, vocês ainda não estão inteiros. Não funcionam tão bem quanto é o desígnio de Deus. Portanto, vocês devem ter como meta destruir totalmente a parede. Na maioria dos casos, isso não pode ser feito de uma só vez. Se isso for tentado, às vezes, pode-se sofrer um colapso e complicações de toda ordem. Portanto, em muitos casos é aconselhável fazer a parede recuar e tirar aos poucos o que está por trás dela. Assim, a parede não apenas recua, mas sua substância se enfraquece, se o processo for feito corretamente. Se não for feito corretamente, talvez a pessoa consiga tirar algumas coisas e empurrar a parede mais para o fundo, mas ela continuará operante, talvez ainda mais forte. Vou falar daqui a pouco como isso pode acontecer e como se resguardar desse perigo. Por enquanto, quero enfatizar como é importante estar ciente da necessidade de, um dia, destruir a parede. Isso pode e deve acontecer sem abalar a personalidade injustamente. Somente depois que a parede desaparece é que pode ocorrer o renascimento espiritual. É quando vocês estão interiormente despidos diante do seu Criador, diante de si mesmos. Pois vocês precisam ficar despidos, vazios, para que a substância divina possa entrar e criar raízes em vocês. Enquanto a sua parede de pedra, apesar de mais fraca, apesar de empurrada para o fundo, continuar existindo, a substância divina não pode afetar vocês com o mesmo grau de força da parede. Em outras palavras, quanto mais forte a parede, menor o efeito da substância divina que aguarda o momento de penetrar e preencher vocês.

Portanto, queridos amigos, todos vocês que trabalham com tanto sucesso nesse caminho, percebam e visualizem essa parede interior. Vocês podem conseguir isso na meditação, podem conse-

guir observando suas próprias reações, e saberão onde fica a parede. Localizando-a, será muito mais fácil conseguirem derrubá-la completamente.

Agora vou falar sobre o perigo de iniciar bem esse caminho, tirando algumas tendências ocul-tas de trás da parede e inconscientemente fortalecendo-a. Assim, o caminho iniciado fica pela meta-de. É contra esse obstáculo, esse empecilho que devemos nos precaver, meus queridos. Pois bem, quando e como isso acontece? Acontece quando um pensamento, ensinamento, filosofia ou reco-nhecimento verdadeiro serve como fachada da parede atrás da qual vocês continuam a se esconder, como se a verdade servisse de meio de esconderijo. E isso acontece com muita frequência, meus amigos. Nenhuma verdade está livre desse destino. Muitas pessoas buscam a verdade – e ela pode chegar até vocês por muitos canais. Mas por mais sincera que seja essa busca, existe em quase todas as pessoas uma resistência a encarar determinados aspectos interiores. Esses dois desejos aparente-mente contraditórios podem resultar na seguinte combinação: empreender a busca pela verdade e usar a verdade como escudo protetor da parede. Assim, vocês escondem suas falhas, conflitos emo-cionais, medos e tendências negativas por trás de uma verdade. Em sua versão crassa e superficial, essa atitude é fácil de reconhecer. Vocês a identificam em qualquer fanático, qualquer pessoa que siga rigidamente um dogma, seja qual for a religião. Uma pessoa assim pode praticar toda espécie de atos maus, ter toda sorte de reações erradas enquanto propõe a verdade religiosa de sua escolha.

Mas não se esqueçam que, em princípio, acontece a mesma coisa em quase todos os seres hu-manos, porém de maneira muito mais sutil. Se vocês se tornarem mais sensíveis e intuitivos, vão ouvir e perceber muito bem quando alguns dos seus semelhantes procede assim. E vão fazer obje-ções. No entanto, vocês ignoram que fazem a mesma coisa – a diferença é que se escondem por trás de alguma outra verdade. Pode ser uma verdade religiosa, espiritual, metafísica, filosófica. Pode ser pura ética e moral, sem nenhuma implicação religiosa. Pode ser psicologia, psiquiatria, análise, toda espécie de descobertas, termos e palavras que vocês usam e que são verdadeiros como tais. São bons, mas quando usados dessa forma, são mal usados, e portanto perdem a realidade. Passam a ser algo morto, rígido, sem sentido. Não existe verdade que esteja livre desse destino se vocês não fo-rem vigilantes, não ficarem de sobreaviso para isso não acontecer com vocês. Os ensinamentos que dou a vocês podem ser igualmente mal usados. Isso nunca é feito de propósito, é claro, mas sim inadvertidamente – quando vocês falam e usam determinados termos, por exemplo, e ao mencioná-los, vocês já não percebem o verdadeiro significado. Nesse caso, chegou o momento de fazer um exame interior para verificar se vocês não caíram inconscientemente nessa armadilha. Vocês podem até se esconder por trás de um reconhecimento verdadeiro feito sobre vocês – vamos dizer, uma imagem, uma conclusão errada, alguns defeitos que vocês descobriram. Vocês podem se esconder por trás disso, e usar isso como fachada da sua parede. É como se algo em vocês dissesse: “vou até esse ponto, mas daqui não passo. Estou disposto a admitir tais e tais coisas agora, mas nada mais. A admissão de alguns defeitos e condições internas erradas vai contentar aqueles que me ajudam a atingir o âmago do meu ser. Ninguém poderá dizer que estou de má vontade. Mas não vou revelar sem reservas o que realmente me incomoda; essa é uma boa forma de poder continuar me escondendo.”

Talvez tudo isso soe muito estranho para vocês, talvez ainda não consigam captar o que quero dizer. Vou tentar esclarecer melhor. Vamos supor que vocês comecem este caminho com boa fé e boa vontade, e façam algum progresso. Vocês fazem algumas constatações e reconhecimentos im-portantes, sejam quais forem. Vocês superam a etapa em que a resistência a encarar a si mesmo se manifesta como desculpas e racionalizações para não seguir adiante, apesar de vocês terem buscado

esse caminho. Nessa primeira etapa, a psique encontra desculpas de toda ordem: dúvidas, incapacidade, etc. Mas vocês já superaram essa etapa. Assim, venceram a primeira resistência e fizeram a parede recuar consideravelmente, permitindo que algumas informações passassem para o outro lado. A essa altura vocês superaram a resistência inicial e já estão com os dois pés no caminho, enquanto antes estavam lutando para começar a trilhá-lo. Mas não imaginem que toda a resistência já tenha sido vencida para sempre. Enquanto existir a parede, a resistência é inevitável. A diferença é que a forma e a manifestação da resistência serão diferentes. Enquanto antes vocês tinham toda espécie de dúvidas e desconfiças, desculpas e pretextos para não trilhar este caminho, agora vocês trabalham e descobrem, mas ainda com uma certa reserva. E para justificar essa reserva, vocês tomam as descobertas que fizeram até agora e as aumentam. Vocês podem até deixar que a importância delas aumente desproporcionalmente, com o intuito de, dessa forma, não irem mais fundo. Vocês usam essas palavras repetidamente até elas se tornarem rígidas e deixarem de proporcionar a vocês a força vital. Toda verdade proporciona força vital. Se deixar de fazer isso, se as palavras ficarem automáticas, chegou a hora de examinar a si mesmo desse ponto de vista e descobrir a parede. Com a percepção da parede, vocês podem travar essa batalha saudável com a ignorância e a resistência.

Somente vocês mesmos podem descobrir quando e como estão se escondendo por trás da parede, que verdade estão usando para isso. É somente mediante o exame dos seus sentimentos, da escuta das suas emoções, que vocês podem obter a resposta. O fato de vocês terem vencido a resistência inicial e conquistado a primeira vitória é, pelo menos na maioria dos casos, um marco que indica que vocês não deixarão de trilhar este caminho. Mas não significa que não existam outras resistências `a espreita, outras vitórias que precisam ser vencidas. Mesmo que vocês nunca mais saiam do caminho, podem ficar detidos num determinado ponto, caminhando em círculos, sem penetrar mais fundo. Isso acontece quando a verdade e as verdadeiras descobertas são usadas como escondidos.

O subconsciente é inerentemente contrário a abandonar seus subterfúgios; para ele, expor-se é um sério perigo. Ele é ignorante e tira conclusões totalmente erradas a esse respeito, como em muitos outros. Portanto, opõe-se ao desmoronamento da parede e concebe estratagemas de todo tipo para impedir que vocês trabalhem nesse sentido, por maior que seja a sua boa vontade. Essa deve ser uma indicação importante para muitos dos meus amigos, para mostrar a eles qual pode ser o ponto de perigo nesse momento, em que direção olhar para dentro para conseguir novas vitórias e penetrar mais fundo na própria alma. Isso evitará a estagnação para muitos, pois agora vocês saberão de que ângulo devem examinar a si mesmos. Isto está claro, meus amigos. Alguém quer fazer alguma pergunta sobre esse tema? Caso contrário, talvez depois que vocês relerem essa palestra e pensarem sobre ela queiram fazer alguma pergunta da próxima vez. Pensem bem no que eu disse. É um perigo oculto, um perigo sutil. Se vocês tiverem o desejo real de fazer a parede ruir, para ficarem vazios e nus em sua alma, vão perceber com muita clareza onde e de que forma exatamente existe a parede de cada um. É sempre mais fácil perceber a parede dos outros, e ao mesmo tempo absolutamente não perceber a sua própria. Vocês podem se esconder por trás de uma verdade diferente, um reconhecimento diferente, mas podem estar se escondendo, exatamente como os outros. Incluam esse aspecto nas suas preces, meus amigos. Peçam a ajuda de Deus primeiro para ver a parede e depois para ter a coragem e a humildade de deitá-la abaixo.

Agora, antes de passarmos para as perguntas, eu gostaria de dizer a vocês que surgiu um plano para a formação de um segundo grupo menor, o primeiro por assim dizer círculo interior. Eu gostaria de dizer que isso seria muito recomendável. Nesse trabalho em comum no grupo, vocês podem

realizar muito. Podem ajudar uns aos outros. Todos os que trabalham em equipes que discutem imagens devem se reunir para realizar outros trabalhos em grupo, onde poderão discutir seus problemas, suas dificuldades, seus êxitos. Ao mesmo tempo, isso vai ajudar a criarem laços de fraternidade. Nós incentivamos e abençoamos essa iniciativa. E agora, queridos amigos, estou pronto para suas perguntas.

PERGUNTA: As correntes, como você usa a expressão do ponto de vista psicológico, são usadas como um instrumento pela mente subconsciente ou consciente? Em outras palavras, a mente subconsciente ou consciente é um instrumento, ou as duas são ligadas ou idênticas?

RESPOSTA: Nem uma coisa, nem outra. Uma corrente, na verdade, é o resultado dos seus sentimentos, pensamentos, emoções e atitudes. É a soma total das suas tendências e traços conscientes e inconscientes. É o que rege você e dirige a sua vida e o que acontece a você em determinados canais – vamos dizer, a corrente da vontade do eu. Ela está lá. Você a usa, não importa se de maneira consciente ou inconsciente. O uso da vontade do eu provoca uma corrente. E a corrente provoca um efeito. A corrente da vontade do eu não é a vontade do eu em si. É a vontade do eu em ação. Pois a vontade do eu pode ficar dormente, pode não ser usada. Nesse caso, a corrente fica tão fraca ou seus efeitos ficam tão ocultos que a personalidade jamais sabe o que causa esses efeitos. Mas se ela é usada, mesmo no subconsciente, mesmo que isso não se manifeste como tal, mesmo que se manifeste de uma forma muito indireta e oculta, a manifestação é provocada pela corrente. Imagine como se fosse a eletricidade. É preciso haver determinadas condições para que se produza uma corrente elétrica. É exatamente a mesma coisa. A corrente elétrica é resultado da condição que pode fazê-la existir. Isso ficou claro?

PERGUNTA: Mas então a mente consciente ou subconsciente seriam o instrumento ou o depósito?

RESPOSTA: Bem, um depósito não é a mesma coisa que um instrumento. É a mente que produz a corrente, a mente subconsciente ou a mente consciente. Ou você pode dizer que é a personalidade, que é formada pela mente consciente e pela mente inconsciente, que produz. Portanto, não é o instrumento. Um instrumento é algo passivo. Mas a mente produz ativamente as correntes.

PERGUNTA: Onde você traça a linha divisória, e como podemos saber quando termina a “necessidade” (preciso fazer) e começa o dever (devo fazer)?

RESPOSTA: A “necessidade” ou a compulsão é sempre o resultado de motivações não verdadeiras, misturadas e confusas. O dever é algo totalmente voluntário. Se você cumpre um dever sem compulsão, você o faz porque decidiu agir assim. Pode ser algo que a vida, aparentemente, obriga você a fazer. Mas uma vez que você reconhece que não pode viver a vida totalmente como seria de sua preferência, que a vida impõe certas situações, certas dificuldades que é preciso aceitar, querendo ou não, a atitude saudável é dizer “sim” à vida como ela é. Nesse caso, você aceita o dever voluntariamente. Por outro lado, se você não aceita o dever emocionalmente mas cumpre porque não tem outra escolha, você age por compulsão, contra a sua vontade, e portanto trata-se de uma “necessidade” (preciso fazer). Eu ensinei a vocês, por exemplo, que as imperfeições da vida precisam ser aceitas dessa maneira. Isso também inclui muitas coisas que se tornam dever de vocês. Quem se revolta constantemente contra essas imperfeições, mas mesmo assim é obrigado a aceitá-las, mesmo que essa rebeldia seja subconsciente, aceita contra sua vontade. Precisa fazer determinada coisa, porque a

vida o obriga a isso. Não há nada que possa fazer em contrário. Age como a criança que não tem escolha senão obedecer. A atitude madura é de liberdade. Essa espécie de verdadeira liberdade não significa fazer sempre exatamente o que lhe agrada, mas aceitar o que é necessário com um espírito interior de dizer “sim” a isso. Em outras palavras, é muito tênue a linha divisória entre dizer “sim” a um dever imposto ou inevitável e lutar contra ele, sendo forçado a aceitá-lo contra a própria vontade.

Há muitas coisas que vocês talvez não queiram fazer, mas consideram que é seu dever, sejam ou não do seu agrado. A diferença entre “necessidade” e dever livre reside totalmente nessa atitude.

PERGUNTA: Qual é a relação e a diferença entre a aura de uma pessoa e sua esfera atual - ou o quadro da alma?

RESPOSTA: São coisas totalmente diferentes. Uma não tem nada a ver com a outra. A esfera é formada pelos atos, pensamentos, atitudes, sentimentos, etc., de uma pessoa, em outras palavras, por sua vida. Ela não se altera rapidamente porque a mudança da personalidade não ocorre com rapidez. Portanto, a esfera é algo mais estático; é algo que é construído e que persiste até a personalidade mudar. É o produto da vida de uma pessoa, que posteriormente se tornará seu lar espiritual.

A aura é a emanção daquela personalidade e nada tem a ver, pelo menos não diretamente, com o que a pessoa constrói. Talvez a melhor forma de explicar seja esta: a esfera é o resultado da atividade da pessoa. A atividade também pode ser subconsciente. É a atividade da alma. A aura é o produto do seu estado passivo. É o produto daquilo, em vocês, que é o estado do ser. É o que vocês são, não o que vocês fazem. Essa é a melhor explicação que posso dar; não há outras palavras para descrever. No que diz respeito à manifestação, a diferença seria muito grande. Um clarividente pode ver a aura de uma pessoa – aquilo que emana de seus corpos sutis e penetra no corpo físico. Reflete, em cores mutantes, os diversos estados de espírito, doenças do corpo e da alma, o tipo de personalidade básica. A esfera espiritual que vocês constroem com a sua atividade só pode ser vista por um pequeno número de clarividentes, a menos que eles tenham essa visão com a nossa ajuda, para uma finalidade específica. É algo que nem todo ser humano traz à sua volta. Não posso exprimir esse fenômeno de nenhuma outra maneira. Sei que é difícil de entender, mas vocês precisarão extrair o maior significado que puderem dessas palavras.

PERGUNTA: Com relação à sua palestra sobre “Autoridade,” você poderia dar mais alguns conselhos para a pessoa que descobre que, no tocante a uma determinada forma de autoridade, inconscientemente ela apóia as leis, mas conscientemente infringe claramente as leis, a ponto de sentir forte ressentimento, desagrado e intolerância com relação a essa autoridade específica?

RESPOSTA: Vou responder com prazer a essa pergunta. Uma vez feita essa admissão – inconscientemente, defender a lei, e conscientemente revoltar-se contra a lei, em especial contra uma determinada forma de autoridade, temos a base. Sem essa admissão, nada pode ser alterado. O passo seguinte é aquilo que digo tantas vezes. Sempre que vocês observarem as suas reações na vida cotidiana, pensem desse ponto de vista: “O que eu sinto? Como gostaria de ser? Por que reajo dessa forma? O que está por trás dessa reação? Quais são as emoções que me levam a reagir uma vez de uma maneira, e de outra vez exatamente da maneira oposta? Por que às vezes sou um seguidor da lei e outras vezes um violador da lei?” Quando vocês começam esse trabalho de fazer a si mesmos perguntas desse tipo, e quando vocês finalmente conseguem respondê-las, aprendendo a tornar as suas

emoções conscientes e formuladas, vocês passam a entender camadas mais profundas do seu ser que são responsáveis pelas reações há pouco descobertas. Mas essas ainda não são as respostas finais, apenas levam até elas. As observações constantes e distanciadas das suas reações diárias, a sua atitude em relação a elas, e o aprendizado, por meio delas, do que está por trás delas, isso tudo é, por si só, um agente de cura em alto grau. E, além do mais, ao fazer tudo isso – sem pressa, sem tensão, com firme perseverança – vocês vão ver todas as conclusões erradas associadas a essas atitudes. O importante, nesse momento, é pensar nessas conclusões até as últimas consequências, entender por que e de que forma elas são erradas, e pensar qual seria a conclusão certa. Esse processo mental e a observação da maneira como as emoções – que são mais lentas que o mecanismo cerebral – continuam presas a velhos padrões, permitem a gradual, e a princípio quase imperceptível mudança dessas emoções. Esse é o único caminho, meus amigos.

Nesse contexto, gostaria de dizer algo que disse recentemente em uma das sessões privadas, e que acho que é importante para todos. A autoridade não é apenas aquilo que emocionalmente representa o inimigo, as forças repressoras que impedem vocês de fazer o que querem. A autoridade também pode ser representada, no caso pessoal de cada um, exatamente pelas pessoas que vocês mais amam, porque dependem delas. Essa é outra faceta que vocês devem avaliar. Ela se aplica a muitos de vocês. Depois da infância, ela pode aparecer no adulto em uma versão diferente. A maioria de vocês passa por isso na infância. Vocês amam seus pais, que são também a autoridade para vocês. Como vocês os amam, surge o conflito. Talvez vocês imaginem de que forma poderiam solucionar o problema, pois não podem deixar de sentir dependência em relação à pessoa amada, que por isso se transforma em autoridade. A resposta a essa pergunta é: examinem o seu amor. Descubram o justo meio termo. Em um extremo fica a falta de capacidade de renunciar, e portanto a incapacidade de amar – uma vontade pessoal muito forte, que não abre mão do eu, pois teme perdê-lo. No outro extremo está a dependência excessiva, que nasce da tendência de ceder muito na direção errada. Sempre que existe essa falta de equilíbrio, prevalecem outras correntes doentias e prejudiciais, e para instaurar o equilíbrio é preciso primeiramente tomar ciência do problema, e encará-lo sem subterfúgios por um bom tempo. Quando vocês reconhecem um desses dois extremos errados – e devo dizer que o primeiro, absolutamente não abrir mão do eu, é o mais frequente – olhem muitas e muitas vezes para ele, admitam sua existência, e orem pedindo orientação e reconhecimento. Aos poucos, as suas emoções encontrarão o justo meio termo. Aquele para quem a pessoa amada se torna uma autoridade por causa da super dependência, aprenderá que no amor saudável e verdadeiro, a renúncia total de si mesmo leva a um eu renovado que não deixa a personalidade cativa e dependente. Você se enriquece de si mesmo, retoma seu eu renovado e mais livre que nunca, pelo fato de ter aberto mão do eu totalmente. O medo de renunciar ao eu é um erro muito comum, e uma causa muito comum de doenças. Mas também existem casos em que ocorre o oposto. E os opostos são mais semelhantes e próximos entre si do que se pensa. A verdadeira renúncia escolhe o caminho certo e as circunstâncias certas, onde não existe nem pode existir abuso, onde a maturidade do outro é compatível com a maturidade da própria pessoa. A pessoa imatura escolhe cegamente o objeto que pode abusar da renúncia do eu. Esse medo gera um extremo, que é proibir que o eu ceda em qualquer aspecto. A maturidade é o entendimento consciente o que, por sua vez, eleva os poderes intuitivos. Estes fazem a escolha certa, onde ninguém leva vantagem indevida.

**PERGUNTA:** Como o mundo espiritual julga uma pessoa que está em busca da verdade, mas se perde e opta pela saída mais fácil?



RESPOSTA: Isso depende inteiramente do desenvolvimento da pessoa em questão. Não se espera a mesma coisa de todas as pessoas. Há pessoas que simplesmente procuram viver corretamente e não cometer crimes, que vivem uma vida comum, decente. Para elas, isso é o máximo que se pode esperar. Elas precisam se esforçar ao máximo para conseguir esse simples resultado. Isso é tudo de que elas são capazes na atual encarnação. Uma pessoa assim se realiza mais do que aquelas que seguem o caminho sem convicção, e que param no meio. Estas podem não ter feito tudo que podiam. Vocês, seres humanos, costumam julgar todas as pessoas pelo mesmo gabarito. Nós não podemos fazer isso, porque cada um tem uma idade espiritual diferente. Cada um atingiu uma etapa diferente de desenvolvimento em diferentes aspectos da personalidade. Há fatores básicos diferentes a considerar; as características, a força, a tarefa são diferentes, de acordo com as encarnações anteriores. No entanto, se alguém capaz de buscar e encarar o eu se acomodar, por orgulho, ou por qualquer outra razão, e seguir a linha da menor resistência, haverá necessariamente uma consequência para a entidade. Não porque nós, no mundo espiritual, façamos um julgamento moral ou punitivo – tudo isso está errado. Isso não existe. Vocês se punem porque agem contra o seu próprio plano, ou porque não fazem o que se propuseram a fazer quando iniciaram esta vida, e assim atraem circunstâncias que, no fim das contas, jogam vocês contra a parede, para seu próprio bem. Muitos de vocês, meus amigos, podem observar isso com relação a algumas pessoas. A vida encurrala essas pessoas não porque Deus as está castigando, mas porque elas colocaram em movimento determinadas formas que contradizem o seu plano de vida. Quando esse plano de vida é violado, é ele mesmo que começa a atuar e levar a uma determinada consequência. Se a personalidade escolhe caminhos contrários ao plano, ele funciona de modo diferente do que quando o caminho traçado é seguido. Mas o resultado é sempre o mesmo.

A experiência que se interpõe é sem dúvida diferente, como o elemento tempo, mas o resultado final é necessariamente o mesmo. O plano de vida tem como objetivo instaurar equilíbrio e harmonia. Quanto mais a personalidade age, de maneira ignorante, contra o equilíbrio e a harmonia, tanto mais desarmônico é o processo de instauração de equilíbrio e harmonia, que no entanto acaba sempre se efetivando. Essa é a força de cura da natureza. A mesma força de cura atua nos elementos, no corpo, e também na alma. Sempre que é feita alguma coisa com o objetivo de desequilibrar as forças universais, as forças de cura da natureza intervêm para restabelecer o equilíbrio. No entanto, esse restabelecimento do equilíbrio parece, muitas vezes, um tumulto. Pensem em uma tempestade, um terremoto: é exatamente o mesmo que acontece na alma quando vocês agem contra o seu plano. Mas no final o equilíbrio é restabelecido. Pois nada mais pode fazer vocês verem e reconsiderarem o rumo que tomaram, a não ser os aparentes tumultos, provocados por vocês mesmos, que são o remédio da natureza. (Estou falando em termos gerais, sem me dirigir a nenhum de vocês em particular.) Vocês podem se enganar durante muito tempo, acreditando que todas as infelicidades da sua vida se devem à injustiça, à maldade ou aos defeitos dos outros. Mas existe um limite para o tempo que vocês podem passar acreditando nisso, e por fim se encontram em uma situação em que são encurralados pelos próprios erros, em que se vêem diante da realidade inegável de que a infelicidade foi provocada por vocês mesmos. Isso vai despertar vocês, fazer vocês mudarem de rumo. É assim que nós vemos a situação. Não é uma questão de ponto de vista. Sabemos que essa lei benevolente da cura simplesmente existe no universo. E quando vemos um ser humano, sabemos imediatamente, pelas formas da alma, pelas figuras que contém, se ele está agindo totalmente de acordo com seu plano, se está parcialmente de acordo, desviando-se um pouquinho, mas não a ponto de sair totalmente do rumo, ou se está completamente fora de seu caminho, e dessa forma vai aos poucos criando as condições que ele acaba vendo como uma tragédia, mas que são nada mais que as forças curativas da natureza.

Queridíssimos amigos, trago a todos vocês, bem como a todos os seus entes queridos na terra e no mundo espiritual, bênçãos – bênçãos de cura, bênçãos de amor, força e coragem. Prossigam nessa rota, meus queridos. Para os que ainda não encontraram o caminho, orem para que Deus lhes mostre Sua vontade e Sua verdade, que é a única verdade. Sejam receptivos unicamente a essa verdade. Vão em paz, meus queridos, recebam nosso amor que envolve cada um de vocês. Se vocês ativarem as antenas interiores, saberão que não estão sozinhos. Fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.